



REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: Talhaba — Lisboa — Telefone 5339

Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

ABALTA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Para a História...

A. C. G. T. e o Partido Comunista

A nota oficiosa da Confederação Geral do Trabalho a propósito do manifesto de apresentação do Partido Comunista Português, parece não ter agradado a certos elementos.

Não podemos compreender a razão desse desagrado e muito menos os reparos, que ao nosso conhecimento têm chegado, de alguns militantes operários.

Resumindo, esses militantes extranham o facto de a C. G. T. intervir no assunto e receiam que a questão levantada produza a divisão das forças proletárias. Ora, convindo que desde já se registem os factos com a máxima exactidão para que de futuro eles não possam ser sofismados, julgamos azado ir desatando os equívocos que vão surgindo e pondo as coisas no seu devido lugar — os pontos nos *i* como é de uso dizer-se.

Quando pela primeira vez ouvimos referência à tentativa de uma organização extra-sindical de acção revolucionária, a ideia não nos desagradou, julgando, então, como ainda julgamos hoje, que seria conveniente a organização de núcleos de acção revolucionária actuando de colaboração com a organização operária.

E' certo que o predomínio de certa corrente nas assembleias preparatórias onde surgiu o Partido Comunista, nos convenceu a breve trecho de que não seria aquilo que julgariamos útil que saísse dessa projectada organização.

Então, como os seus objectivos e os seus processos de luta nunca fossem claros e francamente expostos, nenhuma apreciação formulamos aguardando o momento em que franca e claramente a nova organização se dispusesse a elucidar-nos dos seus propósitos e meios de acção.

Ora esses processos de luta e esses objectivos acabam de ser explicados no manifesto de apresentação do Partido Comunista, e da sua leitura depreendemos que a nova organização não passa de uma das novas formas do espírito político, de colaboração de classes visando ao centralismo democrático, concebendo a acção parlamentar como a acção transitoria revolucionária, e além de tudo isto, ou como consequência disto tudo, pondo num plano secundário a organização sindical, acusada de não ter capacidade revolucionária e administrativa para derrubar e substituir as instituições burguesas e de incapaz de lançar a revolução e muito menos ainda de defendê-la eficazmente.

O manifesto veio ainda declarar-nos que feita revolução pelo Partido Comunista e estabelecido o regime da ditadura dele próprio, o Partido entregaria a gestão da produção às Federações de indústria e aos sindicatos!

Claro está que, perante um tal doutrina, a C. G. T., como representante da organização sindical, não podia ficar indiferente e muda; e chegamos a pensar que haja um só militante do movimento operário que estranhe ou se admire que a C. G. T. se ofenda para quem quer que fosse, tivesse repellido a afronta, e dignamente erguido o seu protesto contra o desvio que se pretende dar à acção que norteia a organização sindical do operário português.

As ideias do manifesto do novo partido, contendo com a acção sindical e ameaçando com uma tutela os organismos produtores exercida pelo partido erigido amanhã em governo, impunham de um modo absoluto a intervenção da C. G. T. que não interviria jamais se nenhuma alusão à organização operária o manifesto contivesse, pois a C. G. T., respeitando a máxima autonomia individual, nada tem com as ideias políticas dos seus sindicatos.

Convém notar também que, antes do aparecimento do manifesto, o mesmo descaído pela organização operária havia sido manifestado por um dos membros dos corpos directivos do Partido Comunista, o camarada Nascimento

O Alto Comissário

O sr. Brito Camacho, armando em ditador

Sua Excelência embrutecida pelo poder

Tam bem ou tam mal se tem conduzido o sr. Brito Camacho em Lourenço Marques, no seu pomposo e real lugar de Alto Comissário da provincia de Moçambique, que alguns jornais daquela cidade o tem atacado rudemente. Entre outras cousas lindas, já se chamou ao sr. Brito Camacho, ditador, o que não constitui novidade — o lugar de Alto Comissário é o distarce intelec duma ditadura pesada.

Não podíamos esperar outra coisa do sr. Camacho, porque temos as nossas ideias formadas sobre os políticos e sabemos, de sobejo, no que eles se tornam, mal sobem a poleiro.

O sr. Camacho subiu a um poleiro bem alto, ao alto poleiro de Alto Comissário. Alto Comissário, com seiscentos diabos como estas duas palavras enchem a boca do povo! Como estas duas palavras — Alto Comissário — devem ter feito inchar de vaidade o coração de Sua Ex.ª!

O sr. Brito Camacho era uma figurinha interessante e espirituosa

O sr. Brito Camacho, que em Lisboa, andava sempre tam pequenino, tam apagado, sentiu-se de súbito com força; a sonhar com glórias reais, julgou-se rei absoluto; o exemplo de Napoleão I perturbou-lhe a razão — e aquele Zé Ningum, que pelas ruas da capital passava sem ser notado, confundido entre a multidão, começou a ordenar. Agora já pode dizer *queiro!* e bestializou-se, porque o mando bestializa.

Bestializa, podem crêr. Aquele belo senso critico, feito de subtilidade e de graça que o sr. Brito Camacho doutorava espalhava, a mãos plenas, pela sua gazeta do Calhariz, estiolou-se lamentavelmente. Hoje existe apenas o sr. Brito Camacho transformado pelo poder, o cabelo erigido, o bigode fagulhado, o olho esbugalhado, gritando, urrando sons mal articulados que pretendem exprimir desejos ferozes.

Oh! que pena, que pena nos temos do sr. Brito Camacho sorridente e gracioso! Já não se aproveitava naquella espirito scintillante dos bons tempos que se foram e não voltam mais.

O sr. Brito Camacho não quer que os funcionários públicos critiquem os seus actos

Imaginem-se isto não mete dó! que o sr. Brito Camacho, ou melhor, o sr. Alto Comissário de Moçambique — porque o sr. Brito Camacho já não existe — levou a tal ponto a sua intolerância que enviou uma circular a todas as repartições, prevenindo que seriam punidos severamente os funcionários que critiquem os seus actos.

Por este motivo o nosso colega de Lourenço Marques, o *Emancipador*, teve de publicar-se, no dia 20 de Junho, com grandes espaços brancos, que nos surpreenderam, pela semelhança com os efeitos de censura. A razão desses espaços em branco era o editor, daquelle prestimoso semanário ser funcionário público, e como funcionário não poderia sancionar os escritos que a última hora foram retirados das páginas, onde se acataria o rei de Moçambique.

O *Emancipador* suspendeu temporariamente, enquanto não se nomear novo editor, para que depois se possa dizer das boas ao Alto Comissário.

O sr. Brito Camacho — que pena! — está-se tornando odiado em Moçambique e ridiculo na metrópole.

Que se dirá quando lhe puzer a funcionar aquellas metralhadoras que requisitou há tempos?

CONFERENCIAS

A sinceridade e a pureza

Deve effectuar-se hoje, na sede da IV Secção da Universidade Popular, instalada no Sindicato do Pessoal do Arsenal do Exército, ao Campo de Santa Clara, 87, 1.ª e 2.ª conferências, por dr. sr. Faria de Vasconcelos, da série «Problemas e questões morais da nossa época».

Dissertará sobre «A sinceridade e a pureza». A entrada é pública.

Greves em Espanha

Greve de metalúrgicos

SANTANDER, 19. — Firmaram-se as bases dum acordo para terminar com a greve dos metalúrgicos. — *Rádio*.

Greve de padeiros

ORENSE, 19. — O governador comunicou que os patrões e operários padeiros submeteram as suas questões a um tribunal arbitral. — *Rádio*.

Um novo Sindicato de trabalhadores rurais

Em Renguno Grande deve inaugurar-se em breve uma Associação de Classe dos Trabalhadores Rurais, estando já constituída a comissão administrativa composta dos seguintes camaradas:

Secretário geral, José Maria Marcelino; 2.º secretário, Alfredo Rodrigues; secretário adjunto, Casimiro Ferreira; tesoureiro, Vasco Alexandre; bibliotecário, Benjamin Ribeiro; vogais, Artur Off e Vicente Monteiro.

O PROBLEMA DA FALTA DE ÁGUA

O povo deve comparecer amanhã na reunião do Conselho de Delegados da U. S. O., para ouvir a opinião do director da Companhia

A falta de água continua a fazer-se sentir duma forma irritante. O povo já não tem paciência para suportar por mais tempo esta calamidade. Não há água para lavar; não há água para beber; não há água para apagar incêndios. Toda a gente sabe que não há água, mas ninguém nos explica a razão da sua escassez.

A comissão administrativa da U. S. O. tem andado a tratar do assunto. Como o director da Companhia das Águas se tivesse oferecido para expor em público as razões que levam a companhia a faltar-nos com a água, a comissão administrativa da União dos Sindicatos Operários convidou ontem o sr. Carlos Pereira a assistir à reunião do conselho da U. S. O., que se realiza amanhã, pelas 21 horas, na calçada do Combro, 38-A, 2.º.

E' de toda a conveniência que o povo que se interessa pelo assunto compareça também para ouvir o director da Companhia dizer de sua justiça.

U. S. O.

A comissão administrativa continua nas suas «démarches»

A comissão administrativa da U. S. O. tem feito todo o possível por desempenhar-se do mandato de que a última assembleia de delegados a incumbiu.

Avistou-se já com várias entidades, no intuito de colher elementos com que possa elaborar o seu parecer sobre o assunto para que o Conselho de delegados e o público em geral possa fazer uma ideia nítida da questão.

A mesma comissão procurou ontem o sr. Carlos Pereira, director da Companhia das Águas, que gentilmente a recebeu. A referida comissão comunicou áquelle sr. que se aproveitava do seu oferecimento, convidando-o, portanto, a comparecer amanhã na reunião do Conselho da U. S. O., para ali expor a sua opinião, opinião que será respeitosamente registada pela comissão para que fique incluída no parecer que se está elaborando.

A U. S. O. espera a comparência do público interessado nesta momentosa questão.

A nova orientação económica da República Soviética

Do jornal Moscou, órgão do Tercer Congresso da Internacional Comunista, traduzimos:

Durante o período de 1917 a 1921, toda a industria, exceptuando a dos artifices e a dos camponeses «Koustari», foi nacionalizada. Foi estabelecido o monopólio sobre quasi todos os produtos alimentares e matérias primas, e fechada o mercado livre.

O sistema de repartição foi estritamente centralizado. Enfim, foi constituído um aparelho de administração extremamente centralizador.

Tudo isto, em conjunto, permitiu concentrar todas as forças e todos os recursos do país para a solução do problema essencial do momento: a vitória na guerra civil exterior.

O ano de 1921 inaugura a entrada no trabalho pacifico. E' por isso que devem ser feitas modificações extremamente sérias e graves.

Em primeiro lugar, mudar-se a politica referente à exploração rural.

Lénine indica que o problema essencial a resolver, é o incentivo das forças produtoras na exploração agrícola, a base da actual economia rural.

São impossíveis resolver o problema essencial do Estado: a constituição dum fundo alimentar importante.

Para este fim, é preciso dar um estímulo à cultura dos campos. As requisições, que tiravam aos camponeses todos os seus excedentes a favor do Estado, são substituídas por um imposto, que deixa em poder do produtor a maior parte do excedente de viveres e de matérias primas.

Em segundo lugar, a supressão das requisições dando a pequenos produtores a liberdade de dispor do seu excedente, abre os mercados para a venda e compra dos produtos e mercadorias da economia rural.

Em terceiro lugar, a cooperativa adquiriu uma nova importância. O Estado conclue com ella um contrato pelo qual entrega à cooperação todo o seu *stock* de mercadorias, e esta compromete-se a entregar-lhe a quantidade correspondente de produtos alimentares e matérias primas.

Os operários das fábricas, organizando-se em cooperativas, fazem por si mesmo uma provisão suplementar de produtos, que se juntam áqueles que lhes assegura o Estado. Para este effecto, um fundo especial de mercadorias é constituído sobre o produto do seu trabalho.

Em quarto lugar, mantendo sempre a sua politica precedente, tendente a desenvolver a grande industria, o governo soviético incita e auxilia a peque-

Está resolvida a questão social

A argúcia, a inteligência e o faro reuniram-se num jornal da Figueira

Está resolvida a questão social. Parece um sonho! Para conseguir tal desideratum é necessário argúcia, inteligência, saber e faro, muito faro. De facto, nem se fala. Todas estas qualidades reunidas se foram aninhar na *Gazeta da Figueira*, da Figueira da Foz, duma das mais formosas cidades do país. Pois foi a *Gazeta da Figueira* que resolveu a questão social. Da forma como o conseguiu, vão os leitores saber, ao apreciar este delicioso naco de prosa:

Para meter o operariado revolucionário na ordem e meter que os patrões se concentrem, se entendam e sejam igualmente energéticos e decisivos. Os ataques á bomba, os ataques á tiro, são gestos que o autor não apanha. E' preciso a pena de morte, e só ella punirá estas pavorosas crueldades, até agora consideradas como crimes políticos (risos).

Seria pratico organizar uma lista com os nomes de todos os agitadores, por ordem alfabética. Dado um atentado e se o autor ou autores não fossem presos, seriam chamados á fôrça os da lista, conforme o numero de mortos ou feridos resultantes do acto criminoso.

As agremiações escusadas para ali existirem e se designam por initials, vulgarmente, seriam dissolvidas e apenas com as associações de classe, cujos estatutos deviam de ser revisados e corrigidos.

Pizze-se-as antes destas operações de providencia publica, uma expedição publica a expedição de todos os seus elementos humanos com prisões, e o mundo teria ogeado a sua atmosfera social.

Em energia, sem medo, a sanidade seria feita e viveriamos sem sobresaltos constantes.

Haveriam victimas, mercê desta obra humana. (1)

Paciência. Por nós, presentes, morreram muitos dos nossos antepassados, é justo que, pelos futuros, morram alguns dos contemporâneos.

Nisto seria perigoso se não se adviesses a estupidez do autor através do insipido arrazoado.

C. G. T.

Conselho Confederal

Reúne hoje, pelas 21 horas, o Conselho Confederal, para se ocupar da «nota oficiosa» publicada pelo Comité Confederal.

A façanha do fazendeiro

Morre no hospital a sua vítima

N.ª enterriaria de Santo António do hospital de S. José, faleceu ontem Luis Mauricio, jornalista, residente na frequência de A. dos Condiados, conselho de Torres Vedras, que antontem foi ali agredido á facada pelo fazendeiro Agostinho António Morais.

na e média industria. O seu desenvolvimento tem, com effeito, uma extrema importância no que diz respeito á produção de objectos necessários á cultura dos campos e á vida «menagere».

Em quinto lugar, é concedido o direito aos Conselhos de Economia Nacional de alugar empresas, quer seja a cooperativas, quer a particulares. Em vista de muitas empresas, principalmente as pequenas, não trabalharem presentemente, esta medida contribuirá muito para aumentar a produção.

Em sexto lugar, todo o sistema de centralização administrativa foi singularmente enfraquecido, e foram concedidos direitos á iniciativa dos organismos locais. Uma grande parte das empresas foi entregue directamente aos órgãos locais, que tem a liberdade de tomar todas as disposições desejáveis.

Tais são as principais inovações que caracterizam a mudança da nossa politica económica.

— BERLIM, 19. — Na Rússia a politica dos Soviéticos está soffrendo no campo económico grandes modificações incluindo a liberdade de comércio e concessões aos capitalistas estrangeiros. Lénine declarou que a nova politica não significa o abandono das ideias comunistas mas apenas uma tactica que é necessário agora seguir a bem da revolução.

A revolução nos países occidentais ainda demorará bastante tempo a dar o seu passo, e muitos anos serão necessários á industria russa de modo que se não tributo á Rússia pague o seu tributo ao capitalismo internacional. Só estão em opposição a Lénine, madame Kollontay e alguns comunistas alemães, sendo áquelle fortemente apoiado por Bucharine e Trótsky, que deenem ser categoricamente contra a linha de Lénine.

Declarou que a maioria na Rússia pertence aos camponeses que como classe não tem independencia politica e precisam de ser dirigidos pelos operários — os capitalistas. Lénine diz que sempre falou com franqueza e que nunca prometteu nem liberdade nem democracia e os camponeses devem escolher entre os bolchevistas que farão as maiores concessões para se manter no poder e realizar a pratica as ideias socialistas ou abrir uma guerra civil. No congresso da terceira internacional da Trade Unions vermelhas fizeram-se representares quarenta países por 150 delegados, tendo remado um entusiasmo indescriivel. — *Rádio*.

Crónica internacional

PELA INGLATERRA

O «lock-out» dos proprietários das minas de carvão

Foi verdadeiramente admirável a resistência oferecida pelos mineiros ingleses ás imposições feitas de combinação e de comum accordo com a classe governante pelos proprietários de minas de carvão de toda a Inglaterra.

Também, apesar da tração dos *leaders* da Triplíce Aliança, receberam os mineiros provas duma solidariedade bastante consciente da parte de diversas classes áquelle organismo aderentes, as quaes merecem bem, que aqui as notemos e registemos. Assim em Renszane os ferroviários negaram-se a transportar 4 vagões de carvão, que tinham vindo de França e sido descarregados por voluntários. Em Norwich os gazomistas negaram-se a trabalhar com carvão importado.

Em Leith 1.000 trabalhadores das docas declararam-se em greve para protestarem contra a apresentação de 12 voluntários que queriam fazer a descarga do carvão chegado da Bélgica.

O governo decretou, em vista disto, fossem suspensos dos seus serviços todos aquelles que se negassem a trabalhar ou a transportar o carvão importado, estando já muitos operários, principalmente os da Escócia, soffrendo as consequências desta resolução.

A tração dos ferroviários no movimento dos mineiros

Com o cinismo revoltante, próprio de todos os «mauvais bergers». W. J. Abraham, presidente da União Nacional dos Ferroviários Ingleses, procurou na conferencia recentemente realizada em Newcastle, explicar do seguinte modo a sua tração no conflito suscitado entre mineiros e patrões:

«Numa assembleia geral tinha sido decidido que a condução do movimento ficava dependente duma reunião em conjunto, mas, apesar das grandes dificuldades, estávamos animados do desejo de prestarmos a nossa solidariedade aos mineiros em luta, e de abandonarmos o trabalho na sexta-feira, caso não fosse feita uma nova e favoravel oferta.

No entanto, na 5.ª-feira, — e ignorando isto a Triplíce Aliança — uma *démarche* foi feita por Frank Hodges, secretario da Federação dos Mineiros, junto dos membros da Câmara, donde resultou um convite aos mineiros por Lloyd George para uma conferencia no Board of Trade, ás 11 horas da manhã do dia seguinte. Como era natural a imprensa espalhou logo a noticia dum próximo accordo, e portanto a não necessidade da greve dos transportes.

Na manhã de 6.ª-feira, pouco depois de se terem reunido os membros da Triplíce Aliança, os delegados mineiros pediram para se retirarem, a fim de irem estudar a carta de Lloyd George e a declaração feita por Hodges na Câmara, na tarde anterior.

Passado algum tempo voltou o Comité Executivo dos mineiros, declarando Herbert Smith que tinha sido decidido não aceitar o convite para uma nova conferencia, e que voltavam para os seus escritórios, a fim de comporem a resposta a mandar.

Ora, é preciso notar que eles não pediram de qualquer forma ou maneira a nossa opinião sobre o assunto, apesar de estar combinado que as resoluções para a direcção do movimento, deviam ser tomadas em conjunto.

Anunciaram simplesmente a sua decisão, sem concederem ás outras partes o direito de questionarem e discutirem com eles.

Deste modo os mineiros, talvez inconscientemente, cometeram, na minha opinião, um erro grave que tornou impossível que os ferroviários e os trabalhadores de transportes fossem com probabilidades de successo para a greve de solidariedade. Portanto não havia outra alternativa, senão pôr de parte a ideia da greve, o que ninguém mais do que eu lamentou.

Horário de trabalho

Um caso sintomático e um desleixo a que urge dar remédio

Esteve nesta redacção o camarada Antonio Soares, operário cartageneiro, expondo-nos que, estando sem trabalho, o procurou nas officinas de Claudio Vilanueva, na Rua 29 de Abril, bem como nas officinas do mestre José e na dum tal Chico, situas na mesma rua, sendo-lhe respondido que lhe dariam trabalho, mas com o horário de 11 horas e com o salário de 5300 e 5350, tendo-lhe sido ainda dito, nas duas ultimas officinas, que apenas dariam o salário de 3350 nas 8 horas de trabalho!

Nas officinas Vilanueva aconteceu-lhe também este precalço: ao fazer referencias ao horário de 8 horas, um inconsciente qualquer que estava trabalhando na forja tentou agredir-lo com uma tenaz, pelo que se viu obrigado a fugir.

E' de extranhar que o sindicato respectivo ainda não tenha tomado providencias para impedir que, de forma tam descafovel, se atropela a lei que estabeleceu as 8 horas de trabalho.

Por varias vezes o camarada Soares, segundo nos afirmou, tem procurado entender-se com algum da direcção para que tome conta do caso, mas na sede não se encontra vivalma, e que se constata semanas seguidas.

Mau critério é esse — neste momento em que o patronato procura anular uma tam cara regalia — e urge dar-lhe remédio eficaz.

A' organização operária local recomendamos este caso sintomático, para que accione como for mister.

Morta sem assistência

Na morgue de ontem entrara Elisa Augusta da Silva, de 58 annos, residente na Travessa dos Terramotos, n.º 21, 1.ª, que falleceu sem assistência.

